

Percurso de uma pesquisa

Este texto traça o percurso de minha pesquisa atual sobre a imprensa anarquista em língua italiana, publicada na cidade de São Paulo. Meu interesse pela escrita dos jornais anarquistas data de 1982, quando iniciei minha pesquisa no Arquivo Edgard Leuenroth no IFCH da UNICAMP. Fui convidada pelo historiador Michael Hall a visitar o acervo dos jornais anarquistas da coleção de Edgard Leuenroth, os quais estavam em processo de microfilmagem. Ainda pude folhear os jornais em papel. Fiquei entusiasmada com a perspectiva de pesquisa que se abria diante de mim no que diz respeito à minha área de atuação, a literatura. Dediquei-me, então, a buscar a publicação do folhetim nacional e estrangeiro, editado nesta imprensa, como também o estudo da obra literária de autores anarquistas, como Fabio Luz, entre outros, que publicaram em livro. E ainda percorri a dramaturgia de cunho anarquista, reunida em livro ou publicada nas folhas dos jornais. De início, dediquei-me à pesquisa dos jornais anarquistas publicados em português, tais como: *A Terra Livre*; *A Lanterna*; *A Plebe*; e outros.

Mas meu interesse pelo folhetim data de minha atividade anterior a esta pesquisa, em sala de aula, onde desenvolvi um estudo do romance folhetim nacional e estrangeiro, publicado na imprensa e em livro, nas disciplinas de Teoria Literária e de Literatura Brasileira. Um dos resultados da pesquisa do folhetim nos jornais libertários foi a constatação de que os jornais publicavam autores nacionais e estrangeiros e não necessariamente anarquistas, em tradução ou em língua estrangeira, italiano ou espanhol. Durante a pesquisa, tomei contato com as narrativas curtas, por exemplo, os contos, a poesia e as letras de

canções, mas não me dediquei a este estudo. Limitei-me ao exame do folhetim de ficção. Outro assunto que despertou meu interesse foi a programação dos festivais anarquistas e as bibliotecas dos jornais ou de Grupos Anarquistas independentes.

A pesquisa estendeu-se ao acervo do teatro anarquista da então Casa das Retortas e ao Arquivo Público do Estado de São Paulo. De início, a pesquisa foi financiada pelo CNPq, depois prossegui sem financiamento. O estudo do Anarquismo levou-me a interessar-me pela Revolução e pela Guerra Civil Espanhola, dirigi-me então a Madri, ao Acervo da Fundación Anselmo Lorenzo, e a Barcelona, à Biblioteca Municipal, onde fiz o levantamento de jornais anarquistas. O resultado deste levantamento foi a publicação de textos breves, os quais apresentei em Colóquios e Congressos e publiquei em Atas, por ocasião da celebração dos 50 anos da Guerra Civil Espanhola, no Departamento de História da USP e na PUC. A perspectiva social e cultural do Anarquismo parisiense levou-me a pesquisar na Bibliothèque Nationale os jornais *Les Temps Nouveaux*, *Le Père Peinard*, *L'Assiette au Beurre*, beneficiada por um pós-doc da FAPESP junto à École des Hautes Études en Sciences Sociales. Em Roma, pesquisei no Instituto Gramsci e em Milão busquei o acervo brasileiro do Instituto Feltrinelli, inacessível ao Brasil, em tempo de Ditadura Militar. O resultado deste amplo campo de pesquisa está reunido no conjunto de textos já mencionado, os quais estão reunidos neste livro, o qual junta vários textos escritos ao longo da pesquisa.

O interesse pela literatura e pela ilustração na imprensa anarquista levou-me a estudar os vários gêneros desta escrita. Assim, o que se verifica é a prática constante da transnacionalidade no conjunto desta produção, dado o internacionalismo como fundamento teórico das práticas sociais e revolucionárias do anarquismo. Os títulos dos jornais e suas propostas editoriais transitam entre as várias nacionalidades, como, por exemplo, *Guerra Social*, *Guerra Sociale*, *La Guerre Sociale*, entre os jornais que pude examinar, e muitos outros, os quais apresentam afinidades e discrepâncias locais e transnacionais. As vicissitudes da militância levam jornalistas e seus periódicos a migrarem de um país a outro, tal como o exílio de Émile Pouget em Londres. O trânsito das ideias e das práticas escriturais é constante, a publicação do jornal pode interromper-se por vários motivos, a falta de fundos ou a ação da polícia política, e retomar adiante com o mesmo título ou com outro

título, conservada a direção e a administração ou substituída por outra. O fluxo da edição é descontínuo e descentralizado. A inconstância e a permanência desta imprensa produzem incessantemente o fenômeno de trocas e transferências simbólicas, culturais e linguísticas e até mesmo o deslocamento transnacional de seus agentes culturais devido à errância dos editores e colaboradores, bem como dos militantes e do seu público. Os periódicos emprestam uns aos outros características comuns, tais como o dialogismo, a presença dos signos do leitor no interior da sua escrita e sua instabilidade diz respeito aos avanços e recuos do movimento anarquista no país e no exterior. Assim, o *Le Père Peinard* noticia a chegada dos refugiados espanhóis e sua recepção pelas autoridades francesas, bem como os jornais brasileiros referem-se à prisão de Ferrer, o fundador da Escola Moderna, em Montjuich, Barcelona. Os jornais acompanham os acontecimentos do movimento anarquista no país e no exterior, em nível transnacional, bem como polarizam com as instituições burguesas: o clero, o capital, o militarismo. As greves são acompanhadas de perto. A Greve Geral como detonadora da Revolução Social é o acontecimento mais importante da cobertura jornalística, notadamente na imprensa de tendência anarcossindicalista.

Os jornais possuem seções fixas e móveis, as quais se transportam de um periódico a outro, mas que podem variar conforme a tendência da folha: anticlerical, anarcocomunista, anarcossindicalista. A produção cultural tem destaque, ao lado da didascália anarquista, quase sempre publicada em fascículos, tais como “Jesú Cristo non é mai esistito”, editado por *La Battaglia*, em São Paulo. A produção dos diferentes gêneros literários, bem como a divulgação do programa dos festivais e das bibliotecas, visa os leitores dos jornais e sua participação na construção do discurso proselitista da folha anarquista. Apesar da estreita afinidade entre os jornais nacionais e estrangeiros, observam-se características próprias de seus editores, tais como Edgard Leuenroth, Neno Vasco, Gigi Damiani, Oreste Ristori, Jean Grave, Émile Pouget, entre muitos outros. Assim, Émile Pouget escreve um jornal autoral em *argot* parisiense, Edgard Leuenroth destaca-se pela sobriedade, Gigi Damiani apresenta uma veia polemista.

O transnacionalismo verifica-se sobretudo na publicação em língua estrangeira em território nacional. É o que se verifica com a Grande Imigração na virada do século XIX para o XX. No Brasil, encontramos em São Paulo jornais escritos em espanhol e italiano, bem como em

japonês e árabe. Nosso projeto de estudo, no momento, é a imprensa anarquista escrita em italiano, publicada na cidade de São Paulo, na virada do século XX, no grupo de estudos nacional e internacional, certificado pelo CNPq: Projeto Transfopress Brasil. O **Grupo de Estudos da Imprensa em língua estrangeira no Brasil** é uma rede de pesquisadores sediada na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e congrega pesquisadores de várias instituições brasileiras e estrangeiras, sendo coordenado pelas Profa. Dra. Valéria Guimarães (UNESP) e Profa. Dra. Tania Regina de Luca (UNESP). Está vinculado à rede internacional **Transfopress – Transnational Network for the Study of Foreign Language Press**, sob coordenação geral de sua idealizadora Profa. Dra. Diana Cooper-Richet do Centre d’Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines – Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (CHCSC-UVSQ), do qual sou pesquisadora-associada, apresentando a proposta acima mencionada.

As duas correntes fundamentais que penetram no Brasil através desta imprensa escrita em italiano, na cidade de São Paulo, são o anarcocomunismo e o anarcossindicalismo. As duas tendências são predominantes no movimento anarquista transnacional na virada do século XIX para o XX. As duas correntes são o produto das práticas sociais anarquistas, resultado dos acirrados debates, cisões e composições, as quais marcaram a Primeira Internacional (1864-1871), que culminaram com a expulsão de Bakunin e os incidentes da criação da Internacional Antiautoritária e seus diversos Congressos e ramificações. A primeira vez em que se mencionou o comunismo anarquista foi em Genebra, em fevereiro de 1876, na brochura “Aux travailleurs manuels partisans de l’action politique”, de Dumartheray. A brochura corresponde às tendências da seção *L’Avenir*, grupo de refugiados independentes, sobretudo de Lyon, do qual Dumartheray de Savoia (1842-1931) fazia parte. Graças à aproximação com Dumartheray, Kropotkine aproxima-se do comunismo até aceitá-lo completamente anos mais tarde.¹ Malatesta aproxima-se do comunismo libertário, apesar de suas reservas contra o coletivismo, como etapa intermediária da organização do socialismo. O anarcocomunismo difunde-se na Itália. O anarcossindicalismo surge na França com os jornalistas Émile Pouget e Fernand Pelloutier, precursores da ação junto às Bolsas de Trabalho e da Greve Geral como

1 Nettlau (1971, p. 140).

instrumento de luta. Em 1879, Pouget (1860-1931) já é sindicalista, por volta de 1880 ele torna-se anarquista. Émile Pouget cria o *Père Peinard* (1889-1896), jornal autoral. O anarcossindicalismo é o resultado da cooperação entre os exilados franceses em Londres, como Pouget, e a tradição de lutas das Trade Unions na Inglaterra.² Apesar das reservas, Malatesta acaba por aceitar o sindicalismo juntamente com Proudhon, em fins da década de 1880.³

As duas tendências anarquistas predominantes na modernidade não surgem apenas de deliberações dos coletivos das Internacionais Antiautoritárias e de suas lideranças, mas também de grupos independentes e de redes formadas por militantes e jornalistas, como produto da transnacionalidade vivida na prática de vida de seus associados menos prestigiados. O anarcocomunismo enunciado em Genebra atravessa para a Itália através de seus militantes, assim como o anarcossindicalismo prenunciado pelos exilados franceses na Inglaterra atravessa para a França e depois para a Itália. Através da Grande Imigração, os militantes chegam ao Brasil e imediatamente iniciam seu proselitismo entre os imigrantes, somando-se ao movimento anarquista já existente no país de acolhida. Muitos imigrantes tornam-se anarquistas ao contato com as condições sociais no campo e na cidade. Os recém-chegados somam-se aos trabalhadores brasileiros para formar o meio anarquista no interior da classe operária em formação no campo e na cidade.

No que se refere às duas vertentes do anarquismo, as quais penetraram no Brasil, minha pesquisa atual detém-se em dois periódicos, publicados na cidade de São Paulo, em italiano, o *La Battaglia* (1904-1912), dirigido por Oreste Ristori e Gigi Damiani, de tendência anarcocomunista, e o *Guerra Sociale* (1911-1917, número único em 1935), anarcossindicalista dirigido por Angelo Bandoni e Francisco Cianci. O primeiro admite em suas páginas a colaboração de outras vertentes anarquistas e até socialistas; o segundo aproxima-se do sindicalismo em sua imersão no meio operário, notadamente durante a greve de 1917 em São Paulo.

La Battaglia publica seu primeiro número em 1901. Mas é a partir de junho de 1904 que se torna periódico semanal até setembro de 1912, sob direção de Gigi Damiani. Em 1913, funde-se ao jornal

2 Bantman (2006).

3 Nettlau (1971).

brasileiro *Germinal*, de Angelo Bandoni, Florentino de Carvalho, Rodolfo Felipe e, mais tarde, Duilio Bernadoni, sob o título de *La Barri-cata*, nº 394, de 20 de abril, ano IX de *La Battaglia*. O periódico não se constitui em órgão de propaganda de um grupo anarquista destacado, o qual se proponha como vanguarda do movimento operário, mas como imprensa autoral devido à projeção de seus editores no meio anarquista. O jornal abre-se às manifestações individuais e coletivas de diferentes colaboradores, caracterizando-se como uma espécie de caixa postal da correspondência do movimento anarquista na cidade e no estado de São Paulo. Por este motivo, resolvi trabalhar as seções fixas, “Corrispondenze” e “Piccola Posta”. Na seção “Corrispondenze” escrevem correspondentes do jornal e militantes pertencentes a grupos organizados, anônimos ou com as iniciais. A seção “Corrispondenze” publica as cartas dos colaboradores, as quais muitas vezes aproximam-se do gênero literário da crônica publicada na imprensa ou do “fait-divers” anarquista, ao narrar as vicissitudes da militância no meio rural, as agruras dos imigrantes com respeito à sociedade brasileira nas fazendas e as peculiaridades da política da província. A “Piccola Posta” geralmente trata de assuntos administrativos do jornal, tais como coletas e envio ou recebimento de contribuições voluntárias por indivíduos ou grupos organizados. Mas a “Piccola Posta” também pode funcionar como correio ao publicar notas e recados entre a redação e colaboradores. O assunto privilegiado é a propaganda na província e as relações entre italianos e as autoridades locais, tais como o fazendeiro, o cura e os políticos locais. O alvo da crítica é a opressão do fazendeiro sobre a comunidade dos colonos. A figura que se destaca é o fazendeiro tirânico, o qual encarna os conflitos étnicos e de classe dos imigrantes italianos. Os escritores porta-vozes dos colonos analisam as relações no campo como remanescentes da escravidão, pois o fazendeiro não faz distinção entre o trabalhador assalariado imigrante e o trabalho escravo do negro de origem africana. Os colonos queixam-se do tratamento discriminatório dispensado a eles na grande propriedade rural brasileira, embora também prove-nham do campo e da situação de penúria da pequena propriedade rural italiana, de onde imigraram para “fazer a América”, isto é, para enriquecer e ascender socialmente. Ora, este projeto é anulado nas

relações de produção no campo do café. Biondi⁴ analisa o conceito de sociedade feudal atribuído ao campo do latifúndio do café na correspondência dos leitores e nos textos da propaganda anarquista. Os escritos do jornal analisam a sociedade brasileira feudal como em atraso com respeito à sociedade italiana capitalista. A questão étnica e social constitui um obstáculo à integração do imigrante italiano como segmento da composição do proletariado brasileiro em formação no campo e na cidade. Nas reivindicações dos imigrantes italianos, a questão do destino do ex-escravo negro posto à margem da produção pela imigração subsidiada pela oligarquia paulista do café não é jamais posta em debate. Os imigrantes sabem-se escravizados, mas tal situação não gera a solidariedade com o trabalhador brasileiro. De acordo com Biondi, a questão do negro fica subentendida na reflexão sobre o feudalismo no campo. Ao ignorar a situação do trabalhador livre e do ex-escravo, o imigrante evidencia sua não integração na sociedade brasileira e sua tentativa de escapar da barbárie efetuada pela oligarquia paulista, refugiando-se na sua etnia europeia. Os anarquistas criticam a monocultura do café como responsável pelo atraso do país, mas deixam de perceber que a grande propriedade do café já é capitalista e visa à acumulação da mais-valia nas relações de produção, embora de forma rudimentar e grosseira, com resquícios de escravismo nas relações sociais de produção. O projeto da imigração subsidiada dos cafeicultores paulistas já é um projeto capitalista periférico. A concepção étnica interfere na reflexão anarcocomunista italiana sobre a sociedade brasileira em transformação e sobre a classe operária em formação, com a crescente urbanização da província a partir da fazenda, gerando as atividades de comércio e incipiente industrialização. Os anarquistas refletem a partir do centro, do seu lugar de origem, e não conseguem perceber claramente o que se passa na periferia do capitalismo.

O periódico *Guerra Sociale*, no ano de 1917, exprime um momento de conflito entre o proletariado e o capital na cidade de São Paulo. O proletariado se consolida através de sucessivas greves pela jornada de oito horas de trabalho, a partir de 1906 até a eclosão da Greve Geral de 1917. A Greve Geral preconizada pelos anarcossindicalistas como deflagradora da Revolução Social recebe cobertura do jornal no conflito que opõe

4 Biondi (1998).

a classe trabalhadora de origem italiana e a burguesia industrial ítalo-paulista dos Mattarazzo e dos Crespi. A Greve Geral de 1917 é o momento de amadurecimento e de consolidação do proletariado urbano, na cidade de São Paulo, em processo de urbanização crescente e de industrialização. O jornal assinala a cooperação com o proletariado nativo, embora a solidariedade ainda se mostre restrita e sujeita à desconfiança, dada a questão étnica abordada por Biondi e por Trento.⁵ O trabalhador nativo é considerado como pouco afeito ao trabalho pelos *oriundi*. O menosprezo deve-se aos resquícios da mentalidade escravista, como já pudemos observar. Na luta de classe, a qual se evidencia na Greve Geral de 1917, os trabalhadores imigrantes voltam-se contra seus conterrâneos, a burguesia de origem italiana, seus opressores de classe. A burguesia de origem italiana professa a *italienitá* e a nostalgia da mãe pátria como ideologia dominante na colônia. Mas a coesão entre classe e etnia já não se faz sem ruído entre o proletariado já constituído, pois a situação de classe já sobrepuja a questão étnica. A colaboração entre jornalistas italianos e brasileiros nos jornais brasileiros e italianos, bilíngues e até mesmo trilingües mostra a aproximação das propostas da militância com respeito à propaganda entre a classe operária. Gigi Damiani colabora em jornais brasileiros, escrevendo em italiano.

Os descendentes das primeiras gerações de imigrantes falam, já na primeira década do século XX, uma derivação dialetal, o ítalo-paulista, difundido nas ruas da cidade de São Paulo. O interesse por este processo sociolinguístico levou-me a estudar este periódico não apenas do ponto de vista do movimento social do sindicalismo, mas na possível variação dialetal da sua escritura, na colaboração dos correspondentes e dos militantes. O ítalo-paulista é parodiado pelos escritores modernistas, filhos da oligarquia paulistana, como Oswald de Andrade, criador da figura do Juó Bananere no seu jornal *O Pirralho* (1911 a 1918), continuado por Alexandre Marcondes Machado, no Suplemento *As Cartas d'Abax'o Pigues*. As relações dos descendentes dos italianos com os filhos da burguesia paulista do café são trabalhadas por Mário de Andrade nos *Contos Novos* (1947), bem como por Alcântara Machado, em *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), Jacob Penteadó em *Belenzinho 1910* (1962), preconcizadores da teoria da miscigenação teorizada por Paulo Prado e pela mentalidade do branqueamento da oligarquia do café. A partir da década de 1920,

5 Trento (2013).

observa-se a fusão dos ítalo-paulistas na sociedade brasileira que se moderniza e o predomínio da teoria da miscigenação produzida pela classe dominante nativa, sobre a simbiose do conceito de etnia associada ao de classe subalterna, praticada pelos imigrantes italianos recém-chegados ao Brasil. Os agentes deste processo de integração violento foram os integrantes da oligarquia do café, já então em processo de disputa política, a qual determinará a Revolução de 1930.

REFERÊNCIAS

- BANTMAN, C. Internationalism without an international? Cross-channel networks, 1880-1914. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, tomo 84, fasc. 4, 2006.
- BIONDI, L. O grupo do jornal *La Battaglia* e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocentrismo. *Cadernos do AEL*, v. 5, n. 891, 1998.
- FERREIRA, M. N. *A imprensa operária no Brasil: 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- MARAM, S. L. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- NETTLAU, M. *Histoire de l'anarchie*. Paris: Editions du Cercle, 1971.
- TOLEDO, E. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- TRENTO, A. *Imprensa italiana no Brasil: séculos XIX e XX*. São Carlos: EdUFSCar, 2013.